

Situação:

## Limites na mídia:

Isabelle Christine Somma de Castro, Ignacio Javier Cardone

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3144>

Submetido em: 2021-11-08

Postado em: 2021-11-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

# Limites na mídia: a representação da Tríplice Fronteira nos jornais *Folha de S. Paulo e O Globo (2011 e 2019)*

**Isabelle Christine Somma de Castro<sup>1</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3572-4565>.

**Ignacio Javier Cardone<sup>2</sup>**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5743-9469>.

## Resumo:

A Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai muitas vezes é associada a uma sem lei, desconsiderando o seu caráter de polo energético, comercial e turístico. O foco deste artigo é observar se as representações sobre a região nos dois jornais tendem a reforçar essa imagem, usando-se os conceitos de framing e agenda-setting. Foi feita uma análise qualitativa, complementada pelo software NVivo para medição de frequência de palavras. Os resultados sugerem uma prevalência de assuntos ligados a ilegalidades, com ênfase em terrorismo. Do total de textos que continham as palavras Tríplice Fronteira, 55,5% em O Globo e 47% na Folha contavam com o radical terror-. Concluímos que a cobertura não segue acontecimentos pontuais, e que a ausência de vozes dissonantes das forças de segurança tende a reforçar a imagem de região insegura e a favorecer soluções de maior vigilância e controle.

Palavras-chave: Tríplice Fronteira; imprensa; terrorismo; framing; agenda-setting

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (Nupri). E-mail: <isasomma@hotmail.com>. Financiamento FAPESP nºs: 2016/12824-6 e 2018/06825-5.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo (USP), Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (Nupri). E-mail: <ignaciocardone@gmail.com>.

## Introdução

A importância da região que compreende o encontro dos limites entre Brasil, Paraguai e Argentina, conhecida como Tríplice Fronteira, abrange várias dimensões. A primeira delas é a estratégica. Entre o lado brasileiro e o paraguaio está Itaipu Binacional, a maior usina geradora e em produção acumulada de energia do mundo, marca obtida em 2016 quando ultrapassou os 100 milhões de megawatts-hora. Cerca de 10% do total energético consumido no Brasil e 88% no Paraguai, em média, são fornecidos por suas turbinas (Itaipu Binacional, s.d.). O potencial hídrico da região se estende em seu subterrâneo, com o aquífero Guaraní, que inclui os três países mais o Uruguai. É a principal reserva de água doce da América do Sul e pertence ao sistema da bacia do rio Paraná, que divide os dois países vizinhos. O impacto econômico da região vai além: Ciudad del Este é a segunda maior cidade paraguaia, tendo como base o comércio, potencializado pelo turismo de compras. Foz do Iguaçu, do lado brasileiro, assim como Puerto Iguazú, do lado argentino, possuem parques nacionais que atraem turistas de várias partes do mundo. Essa zona fronteiriça é ocupada por uma atuante comunidade imigrante, que inclui libaneses e chineses, entre outros, e seus descendentes. É também um polo educacional e de geração de conhecimentos devido à presença de instituições de ensino superior público como a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e, desde 2010, a Universidade da Integração Latino-Americana (Unila), que atualmente conta com mais de 3.200 alunos, assim como do setor privado. Do lado paraguaio, centros universitários também atraem brasileiros em busca de cursos de medicina. As dinâmicas econômicas, sociais e culturais da região são diversas e perspassam as fronteiras nacionais.

Contudo, essas características podem ser menos aparentes na cobertura midiática e no imaginário popular. O que muitas vezes parece ser destacado sobre a Tríplice Fronteira são rótulos de uma terra marginal, sem lei, indicado por meio de uma frequente associação com atividades criminosas como contrabando, descaminho, tráfico de drogas, armas e pessoas em âmbito global. Em meados da década de 1990, e especialmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, a região fronteiriça foi frequentemente mencionada como um hub para treinamento e arrecadação de fundos para grupos terroristas, o que resultou na inserção da região na agenda de securitização americana (Villa, 2021). Apesar da ausência de evidências e passadas duas décadas dos ataques nos Estados Unidos, a narrativa parece perdurar em detrimento dos demais aspectos sócioeconômicos, trazendo prejuízos e incontáveis impactos negativos ao seu entorno. Por isso, acreditamos na necessidade de uma análise empírica dos discursos sobre a região, observando suas principais abordagens e padrões, especialmente na mídia.

Este artigo busca trazer à luz a imagem apresentada na imprensa nacional dessa que é uma das fronteiras mais importantes e vigiadas do Brasil. Para atingir esse objetivo, efetuamos uma análise da representação da Tríplice Fronteira nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, a partir de 1 de janeiro de

2011, uma década após os eventos de 11 de setembro de 2001, até 31 de dezembro de 2019. Ao observarmos os campos semânticos que prevalecem nos dois principais veículos de imprensa do país em um recorte temporal de nove anos, esperamos trazer um retrato de como a região se constituiu ao longo desse recorte temporal, distante dos atentados em Buenos Aires, ocorridos em 1992 e 1994, e os de 11 de setembro de 2001 nos EUA, que pudessem influenciar a cobertura jornalística. A comparação entre os jornais tende a auxiliar no esforço para a compreensão sobre diferenças no volume de notícias, no tratamento dado a elas, na variedade de abordagens, entre outros elementos de análise.

O foco da pesquisa é observar como se articulam as representações sobre a região fronteiriça em dois dos mais lidos e influentes representantes da mídia tradicional do país. Os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* foram escolhidos por registrarem grande circulação e por atingirem um alcance nacional, que transcende as cidades em que são publicados, respectivamente São Paulo e Rio de Janeiro. A *Folha* registrou a maior circulação diária no país entre os jornais impressos em 2019, com 328.438, e *O Globo* esteve logo atrás, em segundo lugar, com 323.172. Os dados, fornecidos pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), registram tanto os exemplares impressos como os referentes às assinaturas digitais (Meio e Mensagem, 2020). A abrangência, contudo, vai além do mensurado pelas edições únicas e *page-views* em seus sites próprios. Ambos comercializam seu conteúdo para outros veículos de imprensa do país, dispõem de portais (UOL e G1) com grande número de visualizações e, talvez, por todas essas características agregadas desempenham um papel de prestígio no debate nacional.

É fato que pesquisas de opinião apontam que os veículos de imprensa tradicionais estão sofrendo uma crescente perda de confiança. Segundo pesquisa realizada em 2021 pelo Instituto Gallup, somente 21% dos entrevistados nos Estados Unidos confiavam nos jornais impressos. O número cai para 16%, quando a pergunta trata de confiança no noticiário televisivo (Brenan, 2021). No Brasil, uma pesquisa do instituto Datafolha de 2019 apurou que 22% dos entrevistados confiam muito na imprensa, 53% confiam um pouco e 24% não confiam (Datafolha, 2019). Ao mesmo tempo, observa-se a ascensão da influência das novas mídias, especialmente as redes sociais, na formação da opinião pública. Elas parecem ser o principal foco de questionamento e estudo na atualidade. Apesar de a observação dos *trending topics* e *hashtags* demonstrarem a dinâmica do que se fala e os fluxos da informação, o estudo da imprensa tradicional ainda se mostra necessário por explorar tendências mais sedimentadas no discurso midiático sobre um tema específico. A análise da representação de um tema por veículos tradicionais não mede o impacto da cobertura jornalística na opinião dos leitores, mas pode trazer um retrato da produção da “elite simbólica”. Para Pierre Bourdieu (2007), essa elite controla o modo de produção do discurso e exerce o poder com base no “capital simbólico”, dispondo de relativa liberdade para determinar tópicos, estilo ou forma de apresentação. Considerando as fontes de informação possíveis sobre a fronteira para reportagens

jornalísticas, integrantes do governo, forças de segurança e especialistas fazem parte dessa elite que contribui para a construção da representação dessa importante fronteira.

Essa mesma elite também pode estabelecer “a agenda de discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, estilo ou forma de apresentação de um discurso” (Van Dijk, 2017: p. 45). Apesar de ser necessário destacar que os emissores são variados e podem não compartilhar um consenso sobre o assunto, na área de segurança, que parece ser o tema preferencial da cobertura sobre a região, a dissonância se mostra menos habitual. Estudos apontam que é comum a convergência da linguagem e da prática de consultores, policiais, burocratas e especialistas nessa área (Bigo, 2008). Os temas também se mostram coincidentes. Salter e Piché (2011) apontam que tanto burocratas de segurança como os do alto escalão dos governos dos Estados Unidos e do Canadá colocaram o terrorismo como a principal ameaça na fronteira entre os dois países, em comparação com outros ilícitos, como tráfico de pessoas e de drogas. Isso não significa que não haja disputas dentro da chamada “elite simbólica”, mas é provável que essas divergências sejam pouco evidenciadas, especialmente na cobertura de imprensa.

Este artigo se divide em seis seções. A primeira abrange os estudos já realizados sobre a cobertura da região na imprensa e sua inserção no discurso de securitização. A segunda trata dos marcos teóricos da pesquisa. A terceira frente apresenta os critérios utilizados para a separação do *corpus* e para as escolhas metodológicas. A quarta etapa é uma discussão sobre os principais assuntos encontrados na cobertura de cada jornal e a comparação entre eles. Em seguida, é apresentada a análise do léxico com a utilização do software NVivo12. E, por último, são trazidas as principais considerações com base no que foi anteriormente exposto.

## **A fronteira na mídia**

A associação da Tríplice Fronteira com atividades terroristas internacionais é antiga. A presença de uma comunidade de imigrantes árabes e de seus descendentes gera estereótipos e preconceitos, que parecem ter se sustentado ao longo das últimas cinco décadas apesar da ausência de evidências que comprovassem essas alegações. As primeiras suposições sobre a suposta relação de moradores da região com o terrorismo internacional se originaram em 1970, após um atentado contra a Embaixada de Israel em Assunção, capital do Paraguai, localizada a 330 quilômetros da fronteira. Na época, jornais brasileiros atribuíram à comunidade fronteiriça árabe um suposto apoio operacional aos dois atiradores que adentraram a representação diplomática, assassinaram uma secretária e feriram outra funcionária (Karam, 2013: p. 60). Uma investigação recente apontou que o crime teria como motivação a cobrança de uma promessa não cumprida pelo governo israelense feita a um grupo de palestinos que seriam reassentados no Paraguai e receberiam um estipêndio mensal e que não tinham ligações com o lado brasileiro (Rivarola, 2020). Duas

décadas depois desse episódio, os ataques contra alvos judaicos em Buenos Aires nos anos de 1992 e 1994 trouxeram outra acusação semelhante contra a comunidade fronteiriça, que é majoritariamente de origem libanesa (Nasser, 2018: p. 136; Pinto, 2016: 132; Rabossi, 2004). Desde então, os governos da Argentina e dos EUA, além de veículos de imprensa e *think-tanks*, têm apontado a Tríplice Fronteira como uma base de apoio para grupos militantes que atuam no Oriente Médio, como a Al Qaeda, o Hamas e o Hezbollah, além da República Islâmica do Irã.

Esta perspectiva foi adotada por documentos oficiais do governo americano a partir de meados da década de 1990. A Tríplice Fronteira foi mencionada pela primeira vez em relatórios do Departamento de Estado sobre atividades terroristas na edição de 1997 do *Patterns of Global Terrorism*, referente ao ano de 1996<sup>3</sup>. A denominação recém cunhada na época, “triborder area”, foi inserida no item Argentina do documento – nesta edição não havia um item específico sobre o Brasil – e referia-se ao “aumento de preocupações com segurança” [*growing security concerns*] na região (Estados Unidos, 1997). Essa inclusão ocorreu após declarações do então ministro do Interior argentino, Carlos Corach, que levantou suspeitas sobre a participação de membros da comunidade árabe/muçulmana dos lados brasileiro e paraguaio da fronteira no transporte de explosivos usados nos atentados em Buenos Aires (Castro, 2021). A acusação não foi incluída na última denúncia realizada na justiça argentina (Nisman, 2015: p. 161) e até o momento não foi comprovada (Castro, 2021: p. 87; Folch, 2012; Manero, 2011: p. 320), como também admite o documento conjunto de 2004 divulgado pelo antigo Grupo 3+1 (atual Mecanismo Regional de Segurança), que inclui além do Brasil, da Argentina e do Paraguai, os Estados Unidos (Estados Unidos, 2004a).

Após os atentados em 11 de setembro de 2001, a ameaça terrorista na Tríplice Fronteira foi rearticulada em discursos de autoridades estrangeiras. Houve também um aumento de enviados especiais de jornais americanos para realização de reportagens sobre a região (Montenegro; Béliveau, 2006). Desta vez, a novidade foi a alegação de que haveria contatos entre a Al Qaeda e a comunidade árabe/muçulmana de Foz do Iguaçu. Documentos diplomáticos brasileiros sugerem que as acusações teriam sido feitas por membros do governo argentino a homólogos americanos (Brasil, 2001). Mas as acusações não se mantiveram somente no âmbito governamental. A revista brasileira *Veja* publicou, dois anos após os atentados, uma extensa reportagem em que afirmava categoricamente que o próprio Osama Bin Laden teria visitado Foz do Iguaçu (Policarpo Junior, 2003: p. 58). Mais uma vez, a informação carecia de evidências que a corroborassem, como apontou o relatório da comissão independente bipartidária que investigou as circunstâncias em que ocorreram os atentados em 11 de setembro de 2001 (Estados Unidos, 2004b: p. 148). A suposta viagem chegou a virar anedota em uma peça publicitária de gosto duvidoso para promover o

---

<sup>3</sup> A região foi mencionada na edição de 1993, referente a 1992, do *Patterns of Global Terrorism* não como “triborder area”, mas como área remota fronteiriça da Argentina, Brasil e Paraguai.

turismo em Foz do Iguaçu, que afirmava que até o saudita teria se encantado com as belezas da região (Valle, 2003).

A associação da Tríplice Fronteira com atividades ilegais foi abordada por estudos que destacaram o papel da imprensa na promoção do discurso securitizador e do caráter infundado e circular do vínculo entre a região e o terrorismo internacional – o nexos crime-terror. Jusionyte (2015) destacou a importância do papel desempenhado por jornais e redes de TV em torno das ameaças terroristas na Tríplice Fronteira dentro de um discurso mais amplo de segurança global. Segundo a autora, que observou tanto veículos de imprensa argentinos como americanos, as alegações inseridas nas reportagens se mostravam recicladas, apoiadas em geral por referências próprias anteriores, que acabavam por formar um “círculo fechado”. “Ao invés de dispor de novas informações, por quase uma década o discurso absorveu dados à narrativa existente, reforçando-a e às vezes justificando retroativamente eventos anteriores”, afirma Jusionyte (2015: p. 109).

Montenegro e Béliveau (2006) também realizaram uma leitura crítica da cobertura sobre a Tríplice Fronteira em jornais americanos e argentinos entre 2001 e 2003. Para as autoras, os eixos temáticos nos veículos dos EUA se mostraram redundantes, ou seja, com frequência versam sobre o mesmo tema e usavam as mesmas informações. Nas primeiras reportagens analisadas logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, houve maior ênfase na descrição da região. Depois, o foco voltou-se para o monitoramento da fronteira, pois os veículos de imprensa davam como certa a atividade terrorista. Da mesma forma, “se tornou central a transmissão da ideia de capacidade escassa dos governos locais de controlar uma área vista como uma ‘zona cinza’, ‘espaço’ sem estado, ‘terra sem lei’”. As autoras também destacam a ausência de informações sobre as particularidades locais e uma homogeneização das três cidades fronteiriças Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú (Montenegro e Béliveau, 2006: p. 62). Os jornais argentinos, por sua vez, representaram a Tríplice Fronteira logo após 11 de setembro de 2001 de uma forma semelhante aos noticiosos americanos. Posteriormente, cederam espaço a outros atores e a denúncias de que a região estava sendo “demonizada” (Montenegro e Béliveau, 2006: p. 67).

Mais recentemente, Silva et al. (2019) promoveram um levantamento de notícias em veículos de imprensa dos três países que se encontram na Tríplice Fronteira. A pesquisa, que se refere somente ao que foi publicado no ano de 2018, escrutinou o que oito jornais e dois sites informativos publicaram sobre terrorismo. Foram identificadas 96 reportagens (51 em veículos argentinos, 30 paraguaios e 15 brasileiros) que continham alguma menção à palavra. Segundo os pesquisadores, o foco dado pelos veículos de imprensa de cada país foi distinto. A imprensa brasileira concedeu pouco destaque à Tríplice Fronteira e promoveu mais associações entre o governo venezuelano e o terrorismo internacional, mesmo quando mencionava a região fronteiriça nas reportagens (Silva et al., 2019). A notícia que teve mais repercussão na imprensa brasileira em 2018 relacionada à Tríplice Fronteira foi a prisão de Assad Ahmad Barakat em

Foz do Iguaçu, solicitada pelo governo do Paraguai, que o acusava de fraude na obtenção de um passaporte. Os diários do país vizinho deram mais ênfase à descoberta de que o comerciante libanês, que vive há décadas na região, conseguiu obter o documento apesar de ter perdido a cidadania paraguaia em 2003 ao ser condenado por evasão de divisas. Barakat era apontado como financiador do grupo libanês Hezbollah. Portanto, parece contraditório que a prisão de um acusado de falsidade ideológica foi a menção mais frequente sobre terrorismo na região, considerando que ele não foi indiciado por atos terroristas, nem em 2003 nem recentemente. Na Argentina, por sua vez, a imprensa concedeu maior destaque em 2018 a um esforço do então presidente do país, Mauricio Macri, em tratar a região como um lugar de trânsito de membros do Hezbollah (Silva et al., 2019).

Neste artigo buscamos analisar um recorte temporal mais extenso do que os estudos anteriores, o que permite verificar se esse tratamento não é consequência de desfechos de eventos pontuais, como os atentados de 11 de setembro de 2001, mas a um discurso que tem uma dimensão mais perene na mídia. Realizamos uma abordagem comparativa entre dois veículos de imprensa nacionais a fim de observar se há indicativos de um padrão na mídia nacional em relação à cobertura da região, ou se cada veículo tem uma abordagem diferente. Também promovemos um tratamento mais sistematizado ao recorte escolhido, com o uso de ferramentas metodológicas que contemplam tanto uma análise quantitativa como qualitativa do *corpus*. A partir dessa perspectiva, almejamos responder duas questões principais. A primeira delas é: quais os assuntos relacionados à Tríplice Fronteira receberam cobertura mais extensa de ambos os jornais no recorte temporal? A segunda é: a cobertura desses assuntos mais frequentes demonstrou algum viés? As opções metodológicas para responder aos questionamentos incluíram, primeiramente, uma análise dos assuntos mais publicados por meio do arcabouço conceitual dos estudos de comunicação. Depois, empreendemos uma análise do léxico por meio da aferição da frequência de palavras com o uso do software NVivo. Ambas as abordagens nos pareceram complementares para atingir o principal objetivo deste estudo: observar qual é a representação elaborada por ambos os jornais sobre a Tríplice Fronteira.

## Marco teórico

Dentro dos estudos de comunicação, a perspectiva cognitiva traz algumas suposições sobre como as percepções da realidade são construídas entre os receptores. Do ponto de vista teórico, a imprensa pode exercer influência no imaginário e na opinião pública a partir de três mecanismos, afetando o que o público considera a partir de uma questão de relevância (*agenda-setting*), da forma na qual essa questão é analisada e avaliada (*framing*), e do estabelecimento de preconceitos e juízos de valor que têm efeitos duradouros nas percepções do receptor (*priming*). A partir de conceitos estabelecidos neste âmbito, é possível observar de onde partem essas percepções na cobertura jornalística.

A hipótese do *framing* (enquadramento) sugere que o viés de uma cobertura jornalística pode afetar a recepção de um assunto específico. Entman (1993) define enquadramento como o ato de selecionar aspectos de uma realidade percebida em relação a um objeto no contexto da comunicação de tal forma a promover uma definição particular, uma interpretação causal, um juízo moral e/ou uma recomendação de tratamento. O *framing* introduz ou evidencia algumas ideias, “ativando esquemas que encorajam as audiências-alvo a pensar, sentir ou decidir de uma forma específica” (Entman, 2007: p. 164). Refere-se, portanto, à ênfase dada pela cobertura midiática a algumas características de um assunto em detrimento a outros. O ato de enquadrar é uma forma de delimitar certos sentidos ao objeto.

O *agenda-setting* também pode ser visto como outra denominação da primeira função do enquadramento: a definição de problemas que merecem a atenção da audiência (Entman, 2007: 164). O argumento, portanto, é que a imprensa tem a capacidade de fazer com que sua agenda seja absorvida pela opinião pública ao conceder mais ênfase a assuntos específicos, deixando de lado outros. Sob essa ótica, os aspectos privilegiados pela imprensa se tornariam frequentemente proeminentes entre o público e os *policy-makers*. Estudos apontam que há realmente alto grau de correspondência entre os tópicos priorizados em veículos midiáticos de grande circulação ou audiência e a agenda discutida pela opinião pública (McCombs, 2005). Isso significa que se um jornal, por exemplo, faz uma ampla cobertura sobre uma temática, a mesma será vista por seus leitores como sendo de grande importância.

Essa forma de moldar e alterar as interpretações e preferências do público consumidor de notícias ocorre por meio da ideia de *priming*, um processo pelo qual aspectos dominantes da cobertura de imprensa servem de critério para a tomada de decisão (Entman, 1991). É um processo pelo qual preconceitos, valores e juízos são introduzidos nos esquemas cognitivos do público (espectadores/leitores) de modo duradouro, e que se estende a outras áreas e temáticas das originalmente utilizadas. O processo de *priming*, portanto, se estende além da mensagem original tanto a nível temporal, como temático, criando uma base valorativa que afeta a tomada de decisões e opiniões dos indivíduos de modo geral. Por analogia, em termos da imprensa, o conceito de *priming* permite que um certo tipo de discurso encontre terreno fértil para se fixar nas opiniões do público.

A aplicabilidade dos conceitos também se estende para a averiguação da durabilidade dessas representações. Tromble e Meffert (2016) realizaram uma pesquisa sobre os impactos de características e de patrocinadores do *framing* em reportagens sobre a cobertura de dois jornais britânicos da controvérsia relacionada com os cartuns do Profeta Muhammad na Dinamarca em 2006. O estudo concluiu que os *frames* encontrados se mostraram mais duradouros na imprensa quando associados a patrocinadores (*frame sponsors*) do que a eventuais ressonâncias culturais no país. Isso significa que, como também argumentam Gamson e Modigliani (1989), os patrocinadores são centrais para o processo de *framing*. O estudo dos cartuns não se prolongou ao longo dos anos e os autores indicaram a necessidade de acompanhar o tema

escolhido por mais tempo. A importância da análise de um recorte temporal mais amplo, como propomos neste artigo, se insere na busca da problematização de como uma imagem pode se consolidar nos veículos de imprensa, mesmo que publicadas em período distante de eventos circunstanciais ou independente da linha dos autores – considerando que há uma diversidade de repórteres e redatores. Contudo, seriam necessárias outras fontes de análise para determinar se esses efeitos são produto de uma linha editorial específica de cada veículo.

A abordagem quantitativa, por sua vez, pode auxiliar a identificação de eventuais vieses na cobertura da mídia por meio da determinação de um tipo predominante de visão — como positiva, neutra ou negativa— sobre a questão descrita. Norris (2000) pesquisou a cobertura da mídia em relação à União Europeia e concluiu que dos 25 assuntos que foram levantados no recorte estudado relacionados ao bloco de países, 21 foram sobre questões impopulares como desavenças entre países-membros, ineficiência da governança, extravagâncias em Bruxelas. Ou seja, a maior parte das reportagens publicadas (84%) traziam notícias ruins sobre o bloco. O estudo, que também incluiu a receptividade das notícias, constatou que há uma forte associação entre a cobertura da mídia e o “euroceticismo”. Contudo, não foi possível afirmar se nesse caso específico houve causalidade. Generalizando os achados obtidos e, considerando que a direção da influência vai da mídia para o receptor, o público não ficou totalmente imune às notícias negativas em relação aos problemas apontados nas reportagens em relação à União Europeia. Por isso, é possível supor que más notícias sobre um objeto tendem a, no mínimo, reforçar opiniões negativas que o público já possuía anteriormente (Norris, 2000). Nesta perspectiva, a máxima de Bernard Cohen (1963) parece continuar atual: na maior parte do tempo, a imprensa pode ter sucesso limitado em dizer **o que** as pessoas devem pensar, mas é bastante efetiva em dizer **sobre o que** as pessoas devem pensar. Ou seja, o leitor pode não concordar com o que é falado, mas tende a prestar mais atenção ao assunto que recebe maior destaque, ação anteriormente identificada como *agenda-setting*.

Este artigo não se pautou pela experiência do leitor, que demandaria uma avaliação da recepção das notícias. Também não se buscou avaliar as condições de produção do noticiário sobre a região, como, por exemplo, se foram realizadas reportagens por equipes da região ou se as notícias foram apuradas em outras praças como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro ou outros países. O objetivo principal foi observar o que emerge sobre a região nos dois jornais, sendo que as hipóteses de *agenda-setting* e *framing* nos pareceram mais promissoras para a análise do objeto proposto, dado que abrangem, respectivamente, os temas que mais se destacaram e como eles foram abordados.

Contudo, ambas trazem desafios conceituais e metodológicos que ainda não foram superados. Nas últimas décadas, o que vem se consolidando nos estudos da área é a diferenciação de modelos e conceitos, trazendo perspectivas que se fundamentam em noções distintas de *framing* (Vimieiro e Maia, 2011, p. 237). Matthes e Kohring (2008) dividiram em cinco diferentes abordagens metodológicas para a medição do

*framing*: a hermenêutica, a linguística, holística manual, a dedutiva e a que utiliza softwares. Optamos por utilizar dois métodos distintos para que o *corpus* passasse por mais etapas. Assim haveria um melhor escrutínio dos dados e as conclusões teriam mais confiabilidade. Desta forma, promovemos uma leitura hermenêutica para identificar os frames por meio de elementos interpretativos conhecidos, e uma análise com uso de software para realizar um mapeamento de palavras buscando, por exemplo, as mais utilizadas nos textos analisados.

Na primeira fase, portanto, observamos qual o assunto que cada unidade textual tratava. Assim foi possível localizar em que contexto a Tríplice Fronteira é apresentada ao leitor. A disposição das unidades textuais por assunto também demonstra quais as pautas mais relevantes e que se encontram, portanto, na esfera de interesse dos dois jornais em relação à região. Além dessa camada de análise, acrescentamos uma outra, em uma segunda fase, a de frequência de palavras, que acrescenta mais elementos empíricos para o escrutínio de eventuais e distintos mecanismos de *framing*. De acordo com Entman (1993), palavras específicas são blocos que constroem as molduras, assim os clusters de vocábulos formariam os *frames*. Esta etapa foi realizada com o software NVivo12 que, ao hierarquizar as palavras mais mobilizadas, também ajudou a agregar os radicais semelhantes e a definir os campos semânticos que mais se destacaram.

O léxico usado no noticiário é um marcador ainda mais específico da construção da mensagem. As reportagens, artigos, colunas e demais textos publicados nos meios de imprensa formam um discurso que, intermediado pela língua, não reflete a realidade social e fatos empíricos de forma neutra. Estes textos têm um papel mais ativo: intervêm na construção social da realidade. Segundo a abordagem da teoria da linguagem (ou linguística) sistêmico-funcional de Halliday, a língua teria três funções primordiais: ideacional, interpessoal e textual. A primeira delas é pautada pela construção de nossa experiência de mundo, ao nosso redor e dentro de nós, que gera as representações do mundo. A função interpessoal, por sua vez, abrange o funcionamento da língua na construção de identidades e relações sociais através da interação entre os emissores. A última das funções citadas é a textual, que está associada à própria constituição dos textos. A base textual fornece os recursos que permitem ao falante/autor produzir um discurso contextualizado e guiar o ouvinte/leitor a fim de que ele possa interpretar esse discurso (Halliday e Matthiessen, 1999: 11 e 12). A partir dessa perspectiva, o vocabulário ou léxico se mostra determinante para a estrutura ideacional do texto, que delimita a representação que fazemos de diferentes assuntos. Ele não apenas organiza nossa experiência em termos gerais, mas faz distinções entre classes de ideias. Dessa forma, os registros lexicais possuem, portanto, a função de categorizar. O valor do sentido da palavra é dado por seu lugar dentro do sistema de termos relacionados. As relações de sentido dentro dos sistemas explicam como o vocabulário de uma língua é estruturada no sistema, e não uma lista arbitrária que o dicionário sugere. Dentro dessa perspectiva, existiria uma relação causal entre a estrutura semântica e a

cognição, sendo que a língua influencia o pensamento, estruturando os canais de nossa experiência mental do mundo (Fowler, 1994).

As opções que foram feitas no texto, entre diferentes elementos linguísticos, do léxico à gramática, são escolhas que impactam a interpretação e cognição do que foi escrito (Fairclough, 1995: 18). Eles cristalizam e normalizam “os pedaços basicamente artificiais que são fatiados do bolo do mundo”. A função do analista, portanto, seria de observar quais termos habitualmente ocorrem, quais segmentos do mundo da sociedade ganham atenção discursiva constante. Uma forma de abordar essas frequências é avaliar clusters de termos que se relacionam entre si, que marcam tipos distintos de assuntos e ênfases (Fowler, 1994). O estudo dos campos semânticos, portanto, pode trazer contribuições para a compreensão de como se constrói no texto dos jornais as bases que operam o *framing* dos assuntos abordados sobre a região.

### **Coleta e separação do *corpus***

A coleta do *corpus* para análise proposta foi realizada por meio de buscas nas plataformas digitais disponíveis para assinantes dos dois jornais com as palavras-chave “tríplice fronteira”, tendo como recorte temporal 2011 e 2019, iniciando-se, portanto, dez anos após os atentados de 11 de setembro. A pesquisa foi realizada e separada das bases entre os meses de maio e agosto de 2020. As referências duplicadas encontradas foram retiradas. O resultado da busca originou um *corpus* de 107 unidades textuais somando-se os textos da *Folha* e de *O Globo*. A seguir explicamos com mais detalhes como foram obtidos no arquivo digital de cada um dos dois jornais o que passamos a chamar de unidades textuais.

A busca dos textos da *Folha de S. Paulo* foi empreendida com a ferramenta <https://busca.folha.uol.com.br/>. As palavras-chave foram “tríplice fronteira”, com aspas. Como outras tríplices fronteiras foram encontradas, removemos as que não se referiam especificamente à divisa entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai, objeto de nosso estudo. A procura se concentrou somente em textos sob a alcunha “Edição Impressa”, que são acessíveis tanto para os leitores do jornal digital como do impresso. Do recorte temporal de nove anos (2011-2019), não foi registrada nenhuma unidade textual com resultado positivo nos anos de 2016 e 2017. Foram obtidos resultados para vários tipos de unidades textuais: reportagens comuns, entrevistas, artigos de colunistas, colunas de assuntos específicos, assim como editoriais. No caso de haver somente uma nota informativa específica sobre a Tríplice Fronteira em uma coluna de notícias variadas, descartamos o restante do texto da coluna e utilizamos somente o trecho que mencionava a fronteira para a análise. Foram agregadas ao *corpus* um total de 53 unidades textuais que atenderam aos critérios descritos.

Com o jornal *O Globo*, a seleção de textos se mostrou mais complexa, pois houve a necessidade de utilizar três formas distintas de busca. A primeira se deu no site do jornal <https://oglobo.globo.com/busca>.

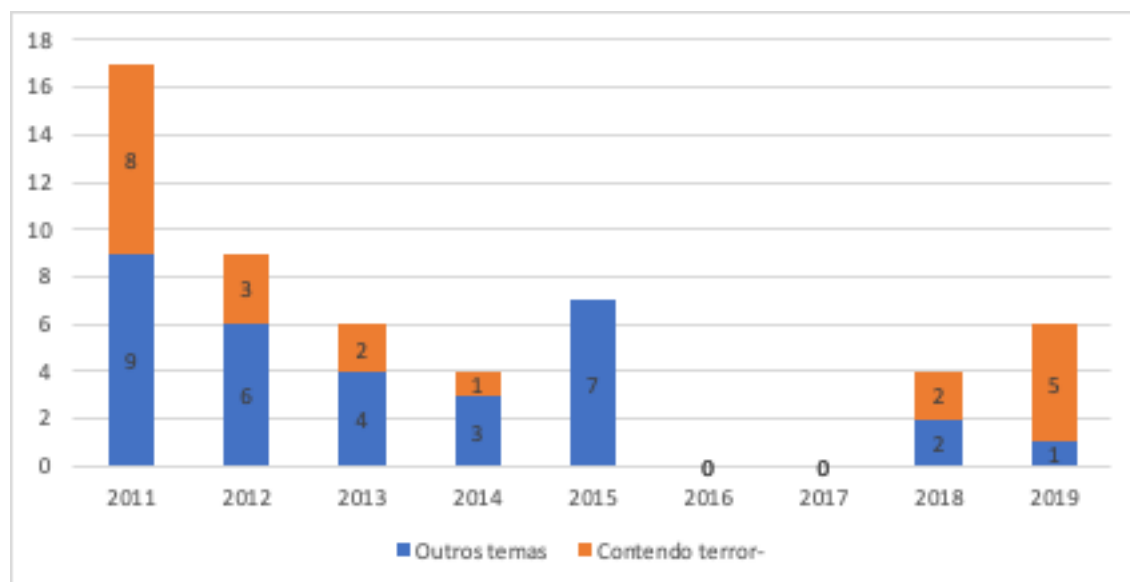
Nesta plataforma, o resultado para as palavras-chave não surgiu em ordem cronológica. A segunda forma de busca foi através do Pressreader (<https://infoglobo/pressreader.com>), que trouxe resultados somente até o ano de 2014. Além disso, os textos obtidos apareciam em formato diferente do publicado. A terceira forma foi via Acervo (site <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/>), que traz a cópia do jornal impresso, inteiramente digitalizado. Este formato torna mais complexa a extração do texto, por isso foi usado como base para o resultado das buscas anteriores. Elas foram cotejadas com o que foi publicado no jornal digitalizado. As unidades textuais que não foram encontradas nas duas primeiras buscas, mas foram detectadas neste terceiro meio de busca, passaram a ser copiados manualmente das páginas digitalizadas de *O Globo* e agregados ao *corpus*. As unidades textuais encontradas nos dois primeiros que traziam disparidades em relação ao acervo também foram ajustadas para serem iguais às do jornal digitalizado. No caso de haver uma nota informativa correspondente às palavras-chave em uma coluna de notícias variadas, foi usada somente a unidade textual referente à Tríplice Fronteira, mesmo procedimento empregado em relação com a *Folha*. Desse modo, 54 unidades textuais que se referiam especificamente sobre Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, foram coletadas, o que demonstra um quantitativo muito próximo com as unidades textuais encontradas na *Folha* (53).

Apesar da similaridade entre os dois jornais em relação ao número total de unidades textuais sobre a Tríplice Fronteira, observou-se uma discrepância quantitativa entre os jornais por ano de publicação. Enquanto em 2011, por exemplo, a *Folha* publicou 17 unidades textuais com menções sobre a região, *O Globo* publicou sete. A balança se inverteu em 2014, quando *O Globo* registrou 14 unidades textuais sobre a região e a *Folha* somente quatro. Dos nove anos observados, somente em 2013 e em 2019 houve incidência de unidades textuais iguais ou semelhantes entre os dois jornais. Esse achado sugere que a cobertura sobre a região não é necessariamente orientada por eventos (*event-driven*), que dificilmente deixariam de ser publicados simultaneamente em ambos os diários.

A decisão sobre a publicação de notícias ou mesmo textos opinativos sobre a Tríplice Fronteira parece ser motivada por razões mais diversas e menos pontuais. Em 2011, a *Folha* publicou mais textos que abordavam a região juntamente com questões de segurança relacionadas aos futuros grandes eventos que aconteceriam em 2014 (Copa do Mundo de Futebol) e 2016 (Jogos Olímpicos no Rio). Das 17 unidades textuais publicadas naquele ano, três citavam diretamente a Copa e tratavam de questões de segurança da fronteira. As reportagens sobre turismo foram quatro. Já *O Globo*, em 2014, das 14 unidades textuais publicadas em 2014, três se referiam à efeméride dos 20 anos de um dos atentados ocorridos em Buenos Aires. Em 2013, cada jornal publicou pelo menos duas reportagens sobre turismo. Somente em 2019 houve uma similaridade maior no número de unidades textuais que citavam a Tríplice Fronteira em assunto semelhante, orientada por uma ação: os governos paraguaio e argentino inseriram o Hizbullah entre os grupos que reconheciam como terrorista. O presidente brasileiro chegou a afirmar que faria o mesmo, mas

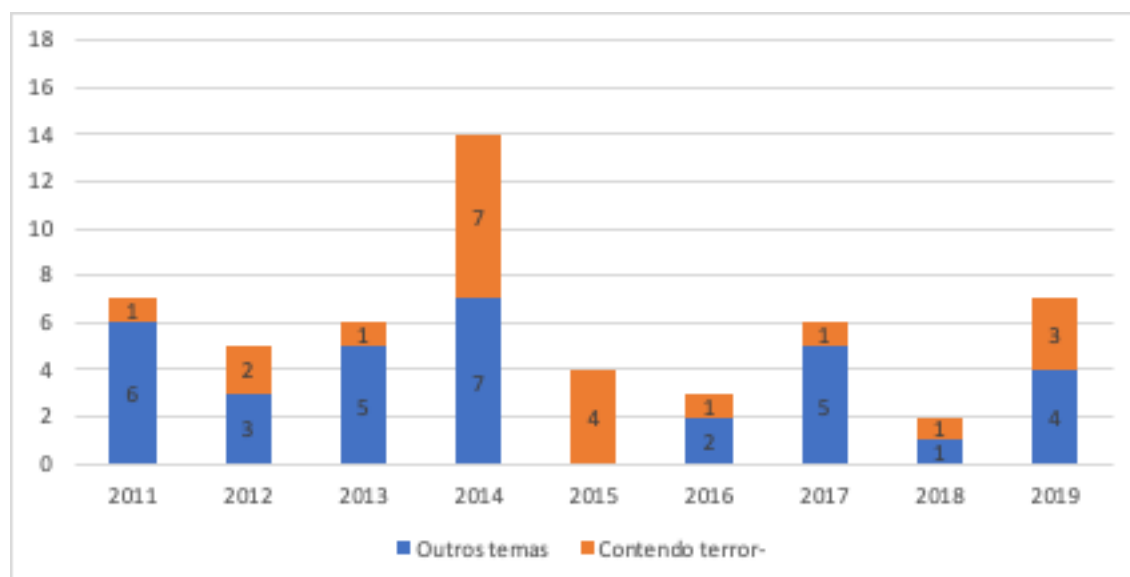
a promessa acabou não se concretizando (Uribe, 2019). Contudo, a questão que se mostrou mais frequente por ano foi terrorismo, exceto em 2015, 2016 e 2017 na *Folha* conforme pode ser observado nos Gráficos 1 e 2. Este achado será abordado com mais detalhes nas seções seguintes.

GRÁFICO 1 – Unidades textuais na *Folha* sobre a Tríplice Fronteira



Fonte: Elaboração dos autores com dados da *Folha de S. Paulo* (2011-2019)

GRÁFICO 2 – Unidades textuais em *O Globo* sobre a Tríplice Fronteira



Fonte: Elaboração dos autores com dados de *O Globo* (2011-2019)

## Análise dos assuntos

A cobertura da Tríplice Fronteira pela *Folha de S. Paulo* e *O Globo* no recorte temporal de 2011 a 2019 demonstrou uma frequente associação entre a região e a prática de ilegalidades. Na *Folha*, não foram encontradas menções à região nos anos de 2016 e 2017, enquanto em *O Globo* houve registros em todos os anos analisados. Após uma leitura hermenêutica do *corpus*, foram observadas 30 unidades textuais que traziam como principal assunto ilegalidades em *O Globo* e 25 unidades textuais na *Folha*, o que corresponde, respectivamente, a 55,5% e 47% do total do *corpus* de cada diário. Ou seja, mais da metade das reportagens que mencionavam a Tríplice Fronteira publicadas no período de 2011 a 2019 em *O Globo* e quase a metade na *Folha* envolviam atividades ilícitas como contrabando, tráfico de drogas e de armas, lavagem de dinheiro e, principalmente, terrorismo, como mostram os gráficos 1 e 2 na página anterior. Tal fato demonstra uma tendência contínua no noticiário de ambos os jornais em enquadrar (no sentido de *framing*) a região como um centro de práticas criminosas.

Dentro do escopo das ilegalidades, a associação da região com o terrorismo se mostra a mais presente no *corpus*. Nos anos que antecederam dois grandes eventos que teriam o Brasil como sede, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, reportagens que relacionavam a preocupação com a possibilidade de ocorrerem atentados terroristas no país foram publicadas nos dois jornais. A Tríplice Fronteira esteve presente em pelo menos uma dessas unidades textuais – é necessário lembrar que nenhum dos eventos esportivos ocorreria nessa região. Na reportagem “Brasil tem de se preocupar com terrorismo, diz perito”, publicada no caderno de Esportes da *Folha* em 21 de abril de 2011, um membro das Forças Armadas israelenses afirmou que o Brasil tinha duas fortes estruturas terroristas (Röttsch, 2011).

A primeira está na Tríplice Fronteira, que alguns apontam como principal área de levantamento de fundos fora do Oriente Médio para organizações terroristas islâmicas. A segunda é de cerca de 20 membros da Al Qaeda que operam no país e coordenam as atividades em mais de dez países.

Foram encontradas outras reportagens na mesma linha do relato do especialista israelense, que apresentavam alertas de atentados que poderiam ocorrer a qualquer momento. Entre as unidades textuais que trazem ameaças atualizadas está “Alerta de atentado terrorista na América Latina”, em *O Globo*. A reportagem relata que os periódicos *El País*, do Uruguai, e *Infobae*, da Argentina, informavam que um “documento recebido por órgãos da região [América Latina] confirma a possível realização de um ataque por grupos extremistas islâmicos” (Figueiredo, 2012). Outro alerta de perigo iminente foi publicado no jornal carioca em 2015, ano anterior às Olimpíadas: “Segurança é reforçada na Tríplice Fronteira”. A

reportagem informa que um jovem paraguaio de 17 anos foi preso na Espanha “por suposta participação em uma célula terrorista do país”. Por causa disso, “um portavoz [sic] do comando de segurança da região” teria dito que apesar de não haver nenhum alerta oficial, seria dada “maior ênfase na atenção à segurança” (O Globo, 2015). O texto também informa que o adolescente detido não tinha relações no Paraguai e morava na Europa há oito anos, ou seja, desde a infância, o que sugere ser improvável que tivesse conexões no país onde nasceu.

Os artigos de opinião de *O Globo* também concederam ênfase na ameaça terrorista imediata que a região supostamente representava. Também no ano de 2015, *O Globo* publicou o artigo “Lei contra o terrorismo” do delegado e ex-deputado federal (PSDB-RJ) entre 2007 e 2011, Marcelo Itagiba. No texto, o policial defende uma lei antiterrorismo: “É melhor prevenir do que chorar”, escreveu ele. Segundo Itagiba (2015) investigações da Polícia Federal haviam concluído que grupos “arregimentam pessoas, abrigam terroristas e lavam dinheiro para a prática de terror” na Tríplice Fronteira. Em 2016, editorial do mesmo jornal, sob o título “Combate ao terrorismo não tem volta”, seguiu a mesma linha de raciocínio. O texto comenta a deflagração da Operação Hashtag<sup>4</sup> e sugere um vínculo entre moradores da região fronteiriça e o terrorismo: “não pode ser considerado sem importância o fato de haver no Sul, na Tríplice Fronteira, [...] comunidades muçulmanas bem conectadas com o Oriente Médio” (O Globo, 2016).

Outras referências mais comuns ao terrorismo no recorte analisado abordam associações antigas. Uma trágica efeméride também foi “gancho”<sup>5</sup> para *O Globo* relacionar a Tríplice Fronteira com terrorismo. Uma série de reportagens especiais que marcaram as duas décadas do atentado à Associação Mutual Israel Argentina (Amia) ocorrida em Buenos Aires foi publicada em *O Globo* em 13 de julho de 2014. Três unidades textuais, entre elas uma chamada de capa<sup>6</sup> e duas reportagens de página inteira, mencionam uma suposta relação entre a fronteira e o ato terrorista. Na chamada de capa para as reportagens, afirma-se: “A Justiça argentina liga grupos na Tríplice Fronteira a Irã e Hezbollah, apontados como culpados, relata José Casado” (O Globo, 2014). A informação a que se refere está na reportagem “Fios de uma intriga internacional que levam ao Líbano e ao Irã”. Nela, o repórter afirma que uma série de moradores de Foz do Iguaçu, entre eles Assad Ahmad Barakat, teriam sido contatados por um dos supostos organizadores do atentado na época em que ele ocorreu (Casado, 2014)<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> A Operação Hashtag foi deflagrada em julho de 2016 pela Polícia Federal brasileira para investigar uma suposta célula do grupo terrorista Estado Islâmico do Iraque e Síria. A investigação resultou na prisão e mais tarde condenação de um grupo de oito pessoas, os primeiros a serem condenados no país sob a lei antiterrorismo. Nenhum dos presos na operação vivia na Tríplice Fronteira.

<sup>5</sup> Jargão jornalístico usado para justificar a publicação de uma reportagem, que deve ter atualidade e interesse geral.

<sup>6</sup> A capa é uma vitrine, que expõe o que a cúpula do jornal considera os principais assuntos publicados naquela edição.

<sup>7</sup> Barakat, que já foi preso duas vezes por crimes como sonegação fiscal e falsidade ideológica, nunca foi formalmente acusado de participar dos atentados. Nenhuma pessoa que vive ou viveu na região foi indiciada pelo crime.

Outra reportagem publicada meses depois no mesmo jornal, e que também recebeu uma chamada na capa, traz uma acusação inédita. O texto relata que traficantes de origem libanesa, que operariam na Tríplice Fronteira e seriam associados ao Hezbollah, tinham ligações com o Primeiro Comando da Capital (PCC). A informação, segundo a reportagem, era procedente de um relatório da Polícia Federal datado de 2008, cinco anos antes da publicação da reportagem. Os serviços de inteligência brasileiros teriam “uma série de indícios de que traficantes de origem libanesa ligados ao Hezbollah, o “Partido de Deus”, se aventuraram numa associação com criminosos brasileiros” (Leali, 2014). Uma foto de um papel datilografado, que seria o documento citado, também foi publicada. O trecho desse documento diz:

Durante a execução da Operação Spectro (conduzida pela DPF/FIG/PR) e delegacia em 12 de dezembro de 2008, chegaram ao conhecimento deste O.I. diversos dados obtidos através de **contato pessoal com fonte humana de confiabilidade não avaliada**, relacionadas ao envolvimento de cidadãos estrangeiros, a maioria de nacionalidade libanesa, presos nas penitenciárias de [rasurado] e [rasurado] com atividades relacionadas ao tráfico internacional de entorpecentes além de **suposto envolvimento com o Hezbollah** (“Partido de Deus”) e aproximação com o [rasurado].

A concentração de tais detentos vem auxiliando na aglutinação de indivíduos com interesses comuns, além de viabilizar o contato de traficantes de origem árabe com grupos como o [rasurado] com marcante presença nos estabelecimentos prisionais do Estado de São Paulo<sup>8</sup>.

A informação chegou a repercutir internacionalmente, o que demonstra que o modo como se dá o *framing*, sem que haja o contraditório ou outras vozes que tragam alguma dúvida sobre sua veracidade, faz com que a notícia sobre uma suspeita se torne um fato comprovado. Dois *think-tanks* americanos, Foundation for the Defense of Democracies (FDD) e The Counter Extremist Project, utilizaram a reportagem de *O Globo* para chamar a atenção de autoridades norte-americanas para a região, usando-a em relatórios e reportagens publicadas. Um dos membros do FDD, por exemplo, foi a uma audiência da Comissão de Serviços Financeiros da Câmara de Representantes do Congresso americano, com data de 8 de junho de 2016, e citou a ligação entre o PCC e o Hezbollah, referindo-se ao jornal brasileiro *O Globo* (Ottolenghi, 2016), que havia publicado a reportagem dois anos antes. Contudo, o depoente, não informou que o documento da polícia sugeria somente um “suposto envolvimento” e que a testemunha citada era de confiabilidade “não avaliada”<sup>9</sup>. Além disso, também cita erroneamente o autor da reportagem – troca Leali por Reali. O mesmo depoente voltou a citar a mesma informação em nova audiência no ano seguinte, mas

<sup>8</sup> Os destaques feitos no texto são dos autores.

<sup>9</sup> Especialistas sobre a facção brasileira, que se encontra operando no Paraguai desde 2003, acreditam que “haja traficantes de ambos os grupos [*Farc e Hezbollah*] fazendo negócios estritamente mercantis com traficantes do PCC” (Feltran, 2018: 287 e 288). Ou seja, pode haver uma colaboração pontual entre operadores de ambos os lados, mas não uma associação entre os dois grupos. Como a estrutura do PCC é mais próxima de uma irmandade, como a maçonaria, um acordo com os supostos líderes do grupo não seria exequível.

desta vez no Senado americano. No novo depoimento, citou a relação PCC e Hezbollah na Tríplice Fronteira referindo-se a artigo do periódico *Foreign Affairs*<sup>10</sup>, que, por sua vez, fazia referência à mesma reportagem de *O Globo* citada pelo depoente na audiência do ano anterior (Ottolenghi 2017). Ou seja, a notícia trazida pelo jornal brasileiro se transformou numa evidência da existência de um acordo entre os dois grupos, e assim apresentada em audiências no Congresso e em um veículo de imprensa dos EUA.

Outras 11 unidades textuais que abordavam questões relacionadas à repressão a crimes ou temas de segurança pública em geral que envolviam a região foram encontradas no jornal *O Globo*. Na *Folha* foram cinco. Estão incluídas entre elas textos que também abrangem o tema ilegalidades e, portanto, também estão foram adicionadas na contagem anterior. Um dos assuntos mais recorrentes nessa categoria foi a compra e os problemas para colocar em operação dois Veículos Aéreos Não Tripulados (Vants) que seriam usados pela Polícia Federal para vigiar os limites fronteiriços, incluindo a Tríplice Fronteira. Em 2011, três unidades textuais (duas em *O Globo* e uma na *Folha*) trataram dos Vants. Em 2012, uma reportagem na *Folha* e uma em *O Globo* também trataram do assunto, informando os altos gastos para treinar os operadores remotos dos veículos e outros entraves para que as aeronaves entrassem em atividade. As aeronaves deixaram de ser utilizadas anos depois, segundo reportagem do próprio jornal *O Globo* em 2017, mesmo depois de serem gastos até então R\$ 145 milhões (Amado, 2017)<sup>11</sup>. Foram contabilizadas, portanto, um total de quatro unidades textuais em *O Globo* e três na *Folha* que tratavam dos Vants e mencionavam a região.

Como a Tríplice Fronteira tem grande potencial turístico e é um dos principais polos de atração de visitantes do Brasil e do exterior esperava-se encontrar uma grande quantidade de unidades textuais sobre turismo. Foz do Iguaçu, a cidade do lado brasileiro da Tríplice Fronteira, é um dos destinos turísticos mais conhecidos do Brasil, sendo o terceiro mais procurado por estrangeiros que viajam ao país -- depois do Rio de Janeiro e Florianópolis (Brasil, 2021)<sup>12</sup>. A região concentra as Cataratas do rio Iguaçu, que se encontram entre o lado brasileiro e o argentino, e dispõe de um famoso centro de compras *tax-free* instalado no lado paraguaio. O tema turismo, contudo, teve menor incidência do que os anteriores. Foram encontradas sete unidades textuais em *O Globo* e seis na *Folha* que envolviam a temática, com informações sobre atrativos, hotéis, festas e o lançamento de um guia. Nenhuma das unidades textuais do *corpus* sobre turismo na região traz informações sobre crimes ou questões de segurança pública.

---

<sup>10</sup> O artigo mencionado é “Smoking Smoke. Paraguay’s Tobacco Business Fuels Latin America’s Black Market”, de Gomis, B. e Botero, N. C., publicado em 5 fev. 2016.

<sup>11</sup> Em 2019, outro veículo de imprensa informou que as duas aeronaves abandonadas pela Polícia Federal passaram para uso do Exército e um novo contrato de valor não divulgado foi fechado com a empresa fornecedora dos equipamentos, a estatal Israel Aerospace Industries, para treinamento de operadores e suporte do equipamento (Vinholes, 2019).

<sup>12</sup> A informação refere-se a dados coletados entre os anos de 2015 e 2019.

Assuntos relacionados a cultura e/ou a entretenimento contabilizaram, coincidentemente, os mesmos resultados de reportagens sobre turismo no período analisado: sete unidades textuais na *Folha* e seis em *O Globo*. Diferentemente das reportagens sobre turismo, a questão das ilegalidades esteve presente nas de cultura. As unidades textuais relacionadas a esta temática trataram do projeto de um filme sobre a prática de atividades ilegais na região e de dois programas de TV que exibiriam o trabalho das forças de segurança na repressão ao tráfico de drogas na região. Uma outra, publicada em 2015 na *Folha*, informava que um lote de livros roubados em instituições públicas brasileiras havia sido encontrado pela polícia argentina na Tríplice Fronteira. O lugar preciso não foi identificado (Folha de S. Paulo, 2015).

Em 2011, três reportagens (uma em *O Globo* e duas na *Folha*) informavam que o cineasta brasileiro José Padilha estaria sendo cotado para fazer um filme sobre a Tríplice Fronteira, juntamente com o ator Wagner Moura e tendo Kathryn Bigelow como produtora. Padilha e Moura trabalharam juntos em “Tropa de Elite” e na série “Narcos”. Bigelow ganhou o Oscar de direção pelo filme “Guerra ao Terror”. Essas informações pareciam trazer indícios de qual seria a inclinação da película. Reproduzindo texto da revista *Hollywood Reporter*, a reportagem da *Folha* de 27 de maio afirma que o filme abordaria as “máfias chinesa e sérvia, traficantes bolivianos, colombianos e brasileiros, contrabandistas libaneses suspeitos de ajudar o Hezbollah, policiais e políticos corruptos de Brasil, Paraguai e Argentina” (Folha de S. Paulo, 2011)<sup>13</sup>.

A estreia de dois programas de TV sobre a Tríplice Fronteira também foi mencionada nos dois jornais. Ambos retratavam o trabalho das forças de segurança no Oeste do Paraná em operações de combate ao tráfico de drogas. O primeiro deles é o “Papo de Polícia”, do Canal Multishow, anunciado nos dois diários em março de 2014. O outro mencionado é o programa “Tríplice Fronteira”, gravado pela produtora Mixer nos mesmos moldes do anterior. Mais uma vez, o *framing* da região como um polo de atividades criminais se repetiu. Os programas de TV, assim como a cobertura dada a eles, pareciam priorizar o ponto de vista dos agentes policiais que atuam na fronteira, em detrimento a outros da sociedade civil. A narrativa “polícia versus bandido” veiculada nos programas de TV pareceu ser mais voltada ao consumo nacional, com o ponto de vista da polícia, ao contrário do filme de produção internacional, que se propunha a retratar os malfeitores, sejam eles criminosos ou agentes públicos. Contudo, a cobertura dada pela mídia para os programas e para o filme não pareceu ser tão diferenciada.

Desse modo, a análise dos assuntos abordados, diante da hipótese do *agenda-setting*, demonstrou ser limitada em ambos os jornais. As unidades textuais que remetem a ilegalidades se mostraram mais frequentes do que as demais, sobretudo relacionadas a terrorismo – mesmo que não tenha ocorrido nenhum antenado ou evento que justificasse a presença tão comum de palavras com a raiz *terror-*. A cobertura sobre

---

<sup>13</sup> Nem Padilha, nem Moura realizaram o filme. Somente em 2019, Bigelow produziu e lançou pela plataforma Netflix “Triple Frontier” (Operação Fronteira, em português), que tratava de traficantes sul-americanos num lugar de selva não identificado da América Latina. O filme de ação foi dirigido por J.C. Chandor e protagonizado por Ben Affleck.

a região é primordialmente voltada a ações criminais e ilegalidades, que ocorrem ou que já ocorreram. Algumas dessas ações são comprovadamente relacionadas à região, outras são suposições que em geral carecem de evidências ou do contraditório – como no caso dos atentados ocorridos em Buenos Aires e as operações de lavagem de dinheiro. Programas de TV e filmes também trouxeram à tona a temática de terrorismo associada à região.

Quanto ao *framing*, notou-se que os problemas da região são vistos a partir de uma perspectiva de segurança pública, dando ênfase à própria atuação das forças de segurança e ao uso de tecnologias de controle e vigilância, como os Vants. As forças de segurança são as principais fontes de informação, narram e definem os crimes, as intervenções, as soluções, os equipamentos. Até programas de TV são feitos, e amplamente divulgados nos jornais, sobre eles. Os especialistas sobre as questões apresentadas são, em geral, oriundos de corporações como a polícia civil, o delegado Itagiba, o especialista israelense (oriundo das Forças Armadas), o porta-voz não identificado da Polícia Federal da região (da reportagem sobre o paraguaio que vive na Espanha). Acadêmicos, cientistas sociais, servidores públicos de outras áreas e mesmo lideranças locais se mostram ausentes da narrativa. O domínio de *frame sponsors* policiais e militares e a ausência de outras perspectivas faz com que o contraditório ao discurso securitizador se torne ausente. Contudo, mesmo os produtores de TV e de cinema que se propuseram a fazer audiovisuais sobre Tríplice Fronteira não trouxeram ao noticiário analisado pontos de vista dissonantes, mas a mesma narrativa de região perigosa, de polícia versus bandido.

Em relação às alegações sobre terrorismo, o enquadramento é o pressuposto de que a Tríplice Fronteira é um hub para práticas terroristas e que há uma ameaça latente que nunca se realiza. O discurso sobre o assunto parece ser circular: a (suposta) ligação da região com atentados anteriores em Buenos Aires e nos Estados Unidos justificariam a crença de que a região é um lugar onde operam terroristas e que um atentado pode ocorrer a qualquer momento, enquanto uma possível atuação de grupos terroristas na região justificam a convicção de que moradores locais estariam envolvidos nos atentados. Coincide com o que Jusionyte (2015: p. 110) descreveu anteriormente em relação ao noticiário sobre a região na imprensa americana: “previsível e repetitivo, feito de fragmentos de evidências, mas que de forma eficiente legitima intervenção para lidar com ameaças emergentes na fronteira”.

## **Análise do léxico**

Além da abordagem por temas, o *corpus*, que incluía o título e o subtítulo das unidades textuais, também foi submetido a uma análise do léxico com o uso do software NVivo12, versão para Mac OSX. O *corpus* foi dividido por ano e por jornal e, mais tarde, o total dos nove anos do *corpus* da *Folha* e dos nove anos de *O Globo* foram congregados com a finalidade de estabelecer uma listagem geral por jornal. As

palavras com menos de duas letras foram excluídas da busca e depois, manualmente, advérbios, preposições e alguns verbos que não traziam sentido também foram retirados<sup>14</sup>. O programa mediu a frequência das palavras, que foram dispostas em tabelas por jornal. As mais utilizadas foram agregadas em campos semânticos, que se mostraram úteis para uma análise qualitativa.

Primeiro, observamos a frequência de palavras totais por jornal. Demos maior ênfase às 20 mais encontradas. Na *Folha de S. Paulo*, conforme pode ser observado na Ilustração 2 (mais detalhes na Tabela 1, em Anexo), o campo semântico que envolve nações e nacionalidades se mostrou o mais presente. Os nomes dos três países que dividem a fronteira estão entre os dez os mais frequentes: Brasil (primeiro lugar), Paraguai (terceiro) e Argentina (sexto), incluindo-se os adjetivos relativos a cada um dos países. Estados Unidos (e EUA) aparecem em sétimo lugar, apesar de a contagem não incluir a nacionalidade como no caso dos três países anteriormente citados. O país do Hemisfério Norte não faz parte da região, portanto a frequência observada nas unidades textuais do jornal sugere uma participação diferenciada dos demais. As palavras relacionadas ao país, como americano, americana, americanos se posicionaram em 12º lugar entre as mais usadas pelo jornal.

---

<sup>14</sup> As palavras retiradas da listagem da *Folha*, juntamente com as de mesma raiz, foram: foi (96 unidades encontradas), será (87), temos (85), pela (67), diz (62), são (55), segundo (53), também (53), partiu (52), pode (49), terá (46), disse (40), afirmou (40). Em *O Globo* foram: foi (131), será (113), são (86), temos (86), poderão (81), também (76), partir (70), passaram (69), pela (68), foram (66).





na 17ª; inteligência e operações (opera, operada, operador, operadores, operados, operam, operar, operava, operação) na 18ª posição.

A análise lexical reforçou a percepção de que os jornais dão grande ênfase à cobertura de ilegalidades, assim como foi verificado anteriormente entre os assuntos que tiveram mais destaque. Mas a comparação entre ambos os jornais demonstrou que o campo semântico ligado à repressão se destacou mais em *O Globo* do que na *Folha*. Entre as vinte palavras mais presentes estão: “terroristas”, “polícia”, “segurança”, “Hezbollah”, “investigações” e “inteligência”, como pode ser visto na Tabela 2 (Anexo). Na *Folha* não ocorreu o mesmo. Tal achado pode demonstrar uma maior cobertura do jornal carioca do trabalho das forças de segurança na região, assim como uma maior regularidade desses atores como fontes de informação para suas reportagens.

Das cinco palavras mais frequentes em ambos os diários, terroristas e similares se destacam entre as demais pelo viés negativo – as demais quatro palavras encontradas demonstram ter alguma afinidade com o que pode se esperar em um texto sobre a região, como Brasil, fronteira, Paraguai e país na *Folha* e Brasil, fronteira, país e governos em *O Globo*. O achado confirma a continuidade da antiga associação da região com a ameaça terrorista. Sabe-se da existência de redes de traficantes e contrabandistas em regiões fronteiriças, mas os vocábulos relacionados a esses crimes são, em geral, menos comuns do que terroristas e similares.

A análise do grupo de palavras com a raiz *terror-* demonstra que pelo menos uma delas esteve presente em pelo menos 40% das unidades textuais da *Folha* e em 39% das unidades textuais de *O Globo* que fazem parte do *corpus*, de 2011 a 2019 (ver Tabela 3, abaixo). Isso significa que em cada dez unidades textuais que mencionam a Tríplice Fronteira em ambos os jornais, quatro delas contêm uma das seguintes palavras: terroristas, terror, terrorismo ou terrorista. Na *Folha* não houve menções à Tríplice Fronteira nos anos de 2016 e 2017, mas das seis unidades textuais que mencionavam a região em 2019, cinco (83%) continham pelo menos uma palavra com a raiz *terror-*. Em *O Globo* houve mais associações em 2015. Todas as quatro unidades textuais encontradas naquele ano que continham Tríplice Fronteira também faziam uso de uma palavra com a mencionada raiz.

TABELA 3

Relação de UTs sobre TF e de UTs com raiz *terror-* (2011-2019)

ANO	<i>Folha de S. Paulo</i>		<i>O Globo</i>	
	UTs sobre Tríplice Fronteira	UTs sobre TF contendo <i>terror-</i> (% do total)	UTs sobre Tríplice Fronteira	UTs sobre TF contendo <i>terror-</i> (% do total)
2011	17	8 (47)*	7	1 (14)
2012	9	3 (33)*	5	2 (40)
2013	6	2 (33)*	6	1 (17)
2014	4	1 (25)	14	7 (50)
2015	7	0	4	4 (100)
2016	0	0	3	1 (33)**
2017	0	0	6	1 (17)*
2018	4	2 (50)	2	1 (50)
2019	6	5 (83)**	7	3 (49)*
<b>TOTAL</b>	<b>53</b>	<b>21 (40)**</b>	<b>54</b>	<b>21 (39)*</b>

\* Arredondado para cima < 0,5 \*\* Arredondado para baixo > 0,5

Fonte: Elaboração dos autores com dados da *Folha de S. Paulo* e *O Globo* (2011-2019)

A relação com o Hizbollah (ou Hezbollah<sup>17</sup>) também se mostra menos usual, considerando que é o único nome de organização encontrado na lista de 20 principais palavras dos dois jornais. Em *O Globo*, o nome do grupo ocupou a 15ª posição entre as palavras mais frequentes associadas à Tríplice Fronteira, com 64 menções; na *Folha*, ficou em 20º lugar, com 38 menções (Tabelas 1 e 2). O grupo, que tem conhecida atuação no Oriente Médio, se mostrou presente no noticiário dos jornais devido à alegação de que teria operadores na América do Sul e seria responsável por atividades ilegais na Tríplice Fronteira. Além disso, também houve a mencionada associação com o PCC<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> A diferença de grafia entre os jornais se dá pela preferência da *Folha* em aproximar-se mais da grafia árabe, que não dispõe das vogais “e” e “o”, enquanto *O Globo* utiliza a forma mais adotada por agências de notícias internacionais.

<sup>18</sup> Barakat, citado pelos jornais como o principal arrecadador de fundos do grupo na região, foi extraditado para o Paraguai em agosto de 2020 --período posterior à análise. O preso foi levado pela Polícia Federal brasileira às autoridades paraguaias na ponte da Amizade, na Tríplice Fronteira, apesar de ela estar interdita devido às restrições impostas devido à pandemia (Freire, 2020). Em abril de 2021, ele foi condenado pela justiça paraguaia a dois anos e seis meses por falsidade ideológica pela apresentação de documentos falsos para conseguir um passaporte. Como já havia cumprido a pena, pois se encontrava preso desde 2018, foi expulso do país e voltou ao Brasil (ABC Color, 2021).

## Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a cobertura relacionada à Tríplice Fronteira por dois veículos de mídia tradicionais, *Folha de S. Paulo* e *O Globo* no período de 2011 e 2019. Observou-se que, no *corpus* estudado, a região obteve uma cobertura limitada a questões vinculadas a temáticas de ilegalidades e, ocasionalmente, turismo. Essa prevalência pode ser observada em análise qualitativa tanto entre os assuntos levantados como nos campos semânticos. Ambos os jornais tenderam a enquadrar a fronteira como um problema de segurança, especialmente relacionado a terrorismo. Alegações sobre ameaças de atentados terroristas e supostas atuações passadas, além de eventuais arrecadações de fundos para grupos que promovem atentados no Oriente Médio, estiveram frequentemente associadas à região. Tal fato também se destaca pela ausência de ações terroristas ou prisões relacionadas a terrorismo na Tríplice Fronteira antes do recorte temporal e durante o recorte temporal analisado. O *frame* de região em que atuam terroristas se sobrepôs às características mais conhecidas da Tríplice Fronteira: de ser uma atração turística conhecida internacionalmente e procurada por visitantes de diversas partes do mundo e um local estrategicamente e economicamente importante por abrigar Itaipu.

O enfoque sobre as ilegalidades não se mostrou prioritariamente relacionada a eventos (*event-driven*), com algumas exceções como em 2019, quando os dois países vizinhos passaram a considerar o Hezbollah um grupo terrorista e na cobertura do filme que seria realizado sobre a região em 2011. As diferenças por ano no volume de unidades textuais publicadas pelos dois jornais demonstraram que o assunto, especialmente terrorismo, prevalece mesmo que não haja um evento que justifique uma cobertura ampla. Enquanto as ilegalidades estiveram presentes na produção cultural e, obviamente, em sua cobertura, elas não foram abordadas nas unidades textuais relacionadas a turismo, o que demonstra uma delimitação bastante marcada. No *corpus* observou-se a existência de duas regiões completamente diferentes: a Tríplice Fronteira dos crimes e a Tríplice Fronteira das belezas naturais, sendo que a primeira se sobrepõe em volume à segunda.

A questão do terrorismo se mostrou muito presente, em mais da metade das unidades textuais que mencionavam a região em *O Globo* (55,5%) e pouco menos da metade na *Folha* (47%). Isso ocorreu mesmo diante das negativas dos governos locais e do americano e da credibilidade das versões sobre a atuação de grupos terroristas na região. Considerando o tempo decorrido desde os atentados em Buenos Aires e nos Estados Unidos e a falta de evidências que comprovem o nexos crime-terror, o *framing* da cobertura jornalística sugere um enfoque anacrônico. Da mesma forma, ao evocar ações passadas, os veículos reproduzem uma lógica circular de repetição de informações, passando a estigmatizar a região e seus habitantes.

A regularidade com que militares e policiais são mobilizados como fontes de reportagens, entrevistas e textos de opinião, mostra que a perspectiva securitizadora é valorizada pelos dois jornais, especialmente *O Globo*, e por isso se sobressai diante de outras. A ausência de fontes da sociedade civil que tragam o contraditório em relação às acusações de que a região é um polo de terrorismo, promove esse enquadramento e, conseqüentemente, parece advogar por uma solução que passe por mecanismos de vigilância e controle da fronteira. Essas forças de segurança se mostraram *frame sponsors* que colaboram para que o discurso securitário não apenas seja bastante frequente, mas se sobressaia diante de qualquer outro. Dar tanto espaço a eles se mostra uma forma de legitimar esse discurso.

A partir do exposto anteriormente e desde uma análise crítica da imprensa, é possível afirmar que a cobertura de imprensa não abrange a complexidade e diversidade dessa região tão importante da América do Sul. Os resultados da análise de ambos os jornais sugerem a necessidade de ambos expandirem a abrangência de assuntos e de perspectivas sobre a região, que parece se encontrar em um processo contínuo de estigmatização. De uma perspectiva acadêmica, observa-se a necessidade de se promover mais pesquisas que tratem da receptividade das notícias sobre a região e o impacto delas na percepção dos leitores. Com um noticiário tão repleto de crimes e ilegalidades, dificilmente a opinião pública não será afetada.

## Referências bibliográficas

ABC COLOR. “Tras condena, expulsan a Barakat” (online), 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.abc.com.py/nacionales/2021/04/08/tras-condena-expulsan-a-barakat/>. Acesso em: 6 ago. 2021.

AMADO, G. “‘Espião’ abandonado”. *O Globo*, 24 jul. 2017.

BIGO, D. Globalized (in) Security: The field and the ban-opticon. In: BIGO, D.; TSOUKALA A. *Terror, Insecurity, Liberty: Illiberal Practices of Liberal Regimes after 9/11*. London: Routledge, p. 10-48, 2008.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Terrorismo. Fronteira Tríplice. Brasília, 1 nov. 2001. Disponível em: [http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Attachments/588465/RESPOSTA\\_PEDID\\_O\\_NUP09200000714201792-Rubens%20Soares.pdf](http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Attachments/588465/RESPOSTA_PEDID_O_NUP09200000714201792-Rubens%20Soares.pdf). Acesso em: 16 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. *Revista Dados & Informações do Turismo no Brasil*. Edição O Turista Internacional no Brasil. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2021. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/revista.html> Acesso em: 20 mai. 2021.

BRENAN, M. “Americans’ Confidence in Major U.S. Institutions Dips” (online). *Gallup*, 14 jul. 2021. Disponível em: <<https://news.gallup.com/poll/352316/americans-confidence-major-institutions-dips.aspx>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

CASADO, J. “Fios de uma intriga internacional que levam ao Líbano e ao Irã”. *O Globo*, 13 jul. 2014.

CASTRO, I. C. S. “Securitização da Tríplice Fronteira: uma análise dos Country Reports on Terrorism publicados durante a administração de Donald Trump (2017-2020)”. *Conjuntura Austral*, v. 12, n. 58, p. 77–91, 2021.

COHEN, B. C. *The Press and Foreign Policy*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

DATAFOLHA. “Forças Armadas têm maior grau de confiança entre instituições”, 10 jul. 2019. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/07/1988221-forcas-armadas-tem-maior-grau-de-confianca-entre-instituicoes.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ENTMAN, R. M. “Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents”. *Journal of Communication*, v. 41, n. 4, p. 6–27, 1991.

\_\_\_\_\_. “Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm”. *Journal of Communication*, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.

\_\_\_\_\_. “Framing Bias: Media in the Distribution of Power”. *Journal of Communication*, v. 57, n. 1, p. 163–173, 2007.

ESTADOS UNIDOS. Departamento de Estado. *Patterns of Global Terrorism, 1996*. U.S. Department of State. Washington, D.C., 1997. Disponível em: <<https://1997-2001.state.gov/global/terrorism/1996Report/1996index.html>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Departamento de Estado. *Communique of the 3 + 1 Group on Tri-Border Area Security*. U.S. Department of State. Counterterrorism Office. Washington D.C., 6 dez. 2004a. Disponível em: <<https://2001-2009.state.gov/s/ct/rls/other/39706.htm>> Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States. *The 9/11 Commission Report*. Washington D.C., 22 jul. 2004b. Disponível em: <<https://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2020.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Bloomsbury Academic, 1995.

FELTRAN, G. *Irmãos: uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FIGUEIREIDO, J. “Alerta de atentado terrorista na América Latina”. *O Globo*, 19 mai. 2012.

FOLCH, C. “Trouble on the Triple Frontier”. *Foreign Affairs*, 6 set. 2012. Disponível em: <[www.foreignaffairs.com/articles/argentina/2012-09-06/trouble-triple-frontier](http://www.foreignaffairs.com/articles/argentina/2012-09-06/trouble-triple-frontier)> Acesso em: 10 mai. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. “Tropa de Hollywood”. 27. Mai. 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po2705201115.htm>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. “Álbum de Matisse furtado será devolvido à biblioteca”. 22 ago. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/230310-album-de-matisse-furtado-sera-devolvido-a-biblioteca.shtml>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

FOWLER, R. *Language in the News*. Discourse and Ideology in the press. Abingdon: Routledge, 1994.

FREIRE, A. C. “Assad Ahmad Barakat, membro do Hezbollah, é extraditado para o Paraguai” (online). *Paraná Portal*, 17 jul. 2020. Disponível em: <<https://paranaportal.uol.com.br/politica/assad-ahmad-barakat-extraditado-paraguai/>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. “Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: a Constructionist Approach”. *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 1, p. 1–37, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, C. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Cassel, 1999.

ITAGIBA, M. “Lei contra o terrorismo”. *O Globo*, 21 nov. 2015.

ITAIPU BINACIONAL. “Geração de energia” s/d. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/energia/geracao>. Acesso em: 12 jun. 2021.

JUSIONYTE, I. *Savage frontier: making news and security on the Argentine border*. Berkeley: University of California Press, 2015.

KARAM, J. T. “The Lebanese Diaspora at the Tri-Border and the Redrawing of South American Geopolitics, 1950-1992”. *Mashriq & Mahjar Journal of Middle East and North African Migration Studies*, v. 1, n. 1, p. 55-84, 2013.

LEALI, F. “Conexão Líbano Brasil”. *O Globo*, 9 nov. 2014.

MANERO, E. A Retrospective Look at the Nature of National Borders in Latin America. In: WASTL-WALTER, D. *The Ashgate Research Companion to Border Studies*. London: Routledge, 2011.

MATTHES, J.; KOHRING, M. “The Content Analysis of Media Frames: Toward Improving Reliability and Validity”. *Journal of Communication*, v. 58, n. 2, p. 258–279, 2008.

MCCOMBS, M. The agenda-setting function of the press. In: OVERHOLSER, G.; JAMIESON, K.H. (ed.) *The Press*. New York: Oxford University Press, p. 156-168, 2005.

MEIO E MENSAGEM. “Circulação dos maiores jornais do País cresce em 2019”. 21 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>>. Acesso em: 31 mai. 2021.

MONTENEGRO, S.; BÉLIVEAU, V. G. *La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio*. Madrid: Miño y Dávila, 2006.

NASSER, S. A fronteira e o não lugar do terrorismo. In: SHERER, L; GOULART, F.H.L.; VELOSO P.A.F. (ed.). *Brasil–Líbano. Legado e Futuro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, p. 121–145, 2018.

NISMAN, A. “Formula Denuncia”. *Ministerio Público de la Nación*. Buenos Aires, 21 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/fotos/20150121/notas/denuncia-nisman.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

NORRIS, P. *A Virtuous Circle: political communications in postindustrial societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

O GLOBO. “Justiça expõe elos de terror na fronteira”. 13 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. “Segurança é reforçada na Tríplice Fronteira”. 11 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. “Combate ao terrorismo não tem volta”. 26 jul. 2016.

OTTOLENGHI, E. “The Enemy in our Backyard: Examining Terror Funding Streams from South America” Hearing Before *The House Committee on Financial Services*. Task Force to Investigate Terrorism Financing. Washington DC, 8 jun. 2016. Disponível em: <[https://s3.us-east-2.amazonaws.com/defenddemocracy/uploads/documents/Ottolenghi\\_The\\_Enemy\\_in\\_our\\_Backyard.pdf](https://s3.us-east-2.amazonaws.com/defenddemocracy/uploads/documents/Ottolenghi_The_Enemy_in_our_Backyard.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2021.

\_\_\_\_\_. “Emerging External Influences in the Western Hemisphere”. *Senate Foreign Relation Committee*. Subcommittee on Western Hemisphere, Transnational Crime, Civilian Security, Democracy, Human Rights, and Global Women’s Issues. Washington DC, 10 mai. 2017. Disponível em: <[https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/051017\\_Ottolenghi\\_Testimony.pdf](https://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/051017_Ottolenghi_Testimony.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2021.

PINTO, P. G. H. Conversion, Revivalism and Tradition: the Religion Dynamics of Muslim Communities in Brazil. In: NARBONA, M.M.L.; PINTO, P.G.H.; KARAM, J.T. *Crescent over another horizon: Islam in Latin America, the Caribbean, and Latino USA*. Austin, TX: University of Texas Press, p. 107–142, 2016.

POLICARPO JUNIOR. “Ele esteve no Brasil”. *Revista Veja*, p. 58–61, 1 mar. 2003.

RABOSSA, F. “Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado da fronteira”. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional: Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RIVAROLA, A. “Una millonaria coima para “importar” palestinos en la época de Stroessner”. *ABC Color*, 12 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/nacionales/2020/08/12/una-millonaria-coima-para-importar-palestinos-en-la-epoca-de-stroessner/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RÖTZSCH, R. “Brasil tem de se preocupar com terrorismo, diz perito”. *Folha de S. Paulo*, 21 abr. 2011.

SALTER, M. B.; PICHE, G. “The Securitization of the US-Canada Border in American Political Discourse”. *Canadian Journal of Political Science*, v. 44, n. 4, p. 929–951, 2011.

SILVA, M.A.; MORAES, S.G.; DUARTE, N.P.; MERCADANTE, M. “A imprensa nacional (Brasil, Argentina e Paraguai) e o nexa terrorismo-Tríplice Fronteira em 2018”. *Orbis Latina*, v. 9, n. 2, p. 192–207, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/1747/1653>> Acesso em: 10 mai. 2020.

TROMBLE, R.; MEFFERT, M. “The Life and Death of Frames: Dynamics of Media Frame Duration”. *International Journal of Communication*, v. 10, n. 0, p. 5079–5101, 2016.

URIBE, G. “Bolsonaro confirma plano para classificar Hizbullah como organização”. *Folha de S. Paulo*, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/bolsonaro-confirma-plano-para-classificar-hizbullah-como-organizacao-terrorista.shtml> Acesso em: 1 jun. 2020.

VALLE, M. “Bin Laden vira garoto-propaganda de Foz”. *Folha de S. Paulo*, p. F2, 24 mar. 2003.

VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2017.

VILLA, R.A.D. As várias imagens da Tríplice Fronteira. In: SILVA, M. A.; CASTRO, I.C.S. (ed.). *Além dos limites: a Tríplice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Alameda Editorial, p. 7–12, 2021.

VIMIEIRO, A.C.; MAIA, R. C. M. “Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais”. *Revista FAMECOS*, v. 18, n. 1, p. 235–252, 2011.

VINHOLES, T. “Força Aérea Brasileira assume operações de VANTs da Polícia Federal” (online). *Airway*, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.airway.com.br/forca-aerea-brasileira-assume-operacoes-de-vants-da-policia-federal/> Acesso em: 5 jun. 2020.

## Anexo

**TABELA 1**  
**Relação de palavras mais encontradas na *Folha de S. Paulo* em unidades textuais que mencionam Tríplice Fronteira (2011-2019)**

<b>POSICÃO</b>	<b>Palavra*</b>	<b>Palavras com a mesma raiz</b>	<b>Número de aparições</b>	<b>% em relação ao total</b>
1	Brasil	Brasil', brasileira brasileiras, brasileiro, brasileiros	238	1,6
2	fronteira	fronteiras	118	0,79
3	Paraguai	paraguaia, paraguaias	108	0,73
4	país	países	103	0,69
5	terroristas	terror, terrorismo, terrorista	92	0,62
6	Argentina	argentina, argentino, argentinos	85	0,57
7	EUA	Estados Unidos	76	0,50
8	tríplice		69	0,46
9	grupo	grupos	65	0,44
10	governos	governador, governantes, governaria, governo, governou	64	0,43
11	região		58	0,39
12	americanos	americana, americanas, americano	54	0,36
13	organizações	organizada, organizado, organizados, organizaram, organização, organizem	53	0,36
14	Foz		52	0,35
15	presidente	presidente, presidentes, presidência	51	0,34
16	Iguaçu		50	0,34
17	anos		47	0,32
18	crime	crimes	40	0,27
19	contrabando		39	0,26
20	Hizbullah		38	0,26

\* Palavras retiradas manualmente, juntamente com as que têm a mesma raiz: foi (96), será (87), temos (85), pela (67), diz (62), são (55), segundo (53), também (53), partiu (52), pode (49), terá (46), disse (40), afirmou (40).

Fonte: Elaboração dos autores com dados da *Folha de S. Paulo* (2011-2019)

**TABELA 2**

**Relação de palavras mais encontradas em *O Globo* em unidades textuais que mencionam Tríplice Fronteira (2011-2019)**

<b>POSIÇÃO</b>	<b>Palavra*</b>	<b>Palavras com a mesma raiz</b>	<b>Número de aparições</b>	<b>% em relação ao total</b>
1	brasil	Brasil', brasileiro, brasileira, brasileiras, brasileiros	288	1,42
2	fronteira	fronteira', fronteiras, fronteira'	160	0,77
3	país	países	127	0,62
4	governos	governador, governantes, governo, governou	108	0,5
5	terroristas	terror, terrorismo, terrorista	106	0,51
6	Paraguai	paraguaia, paraguaias	105	0,51
7	EUA	Estados Unidos	91	0,44
8	Argentina	argentinas, argentino, argentinos	90	0,44
9	polícia	polícias	83	0,40
10	segurança	seguranças	80	0,39
11	grupo	grupos	77	0,37
12	Tríplice		75	0,36
13	anos		70	0,34
14	federal		68	0,33
15	Hezbollah		64	0,31
16	organizações	organizadas, organizado, organizados, organizar, organização, organizou	62	0,30
17	investigações	investiga, investigada, investigadas, investigado, investigadores, investigados, investigam, investigar, investigação	59	0,29
18	americanos	american, americana, americanas, americano	56	0,27
18	inteligência		56	0,27
18	Operações	opera, operada, operador, operadores, operados,	56	0,27

		operam, operar, operava, operação, Estado		
19	Estados		53	0,26
19	rio		53	0,26
20	novos	nova, novas, nove, novo	52	0,25

\* Palavras retiradas manualmente, juntamente com as que têm a mesma raiz: foi (131), será (113), são (86), temos (86), poderão (81), também (76), partir (70), passaram (69), pela (68), foram (66).

Fonte: Elaboração dos autores com dados de *O Globo* (2011-2019)

## Abstract

Limits in the media: the representation of the Tri-Border Area in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Globo* (2011-2019).

The Tri-Border Area between Brazil, Argentina, and Paraguay is, for the most part, seen as marginal land, lawless, disregarding its resources as nature, energy resources, commercial, educational, and tourist pole. The focus of this article is to determine whether the representations of the region in the two most widely read newspapers in the country, *Folha de S. Paulo* and *O Globo*, tend to reinforce these images, using framing and agenda-setting concepts. For this, we used the NVivo software to measure the frequency of words. The results indicate a predominance of illegalities in the press coverage, especially terrorism - although there is no evidence of terrorist actions in the region. Of the total texts found with the words Tri-Border Area, 55.5% in *O Globo* and 47% in *Folha* included the root *terror-*. We conclude that the press coverage of the region does not follow specific events (event-driven). Members of the security forces are the preeminent sources of reports, and this absence of dissonant voices tends to reinforce the image of insecurity and support border surveillance and control solutions.

Keywords: Triple Frontier; press; terrorism; framing; agenda-setting

## Resumen

Límites en los medios: la representación de la Triple Frontera en los periódicos *Folha de S. Paulo* y *O Globo* (2011-2019).

La Triple Frontera entre Brasil, Argentina y Paraguay es, muchas veces, vista como una tierra marginal, sin ley, desconsiderando su carácter de polo energético, comercial, educativo y turístico. El foco del presente artículo es determinar si las representaciones de la región fronteriza en los dos periódicos más leídos del país, *Folha de S. Paulo* y *O Globo*, tienden a reforzar esas imágenes, haciendo uso de los conceptos de framing y agenda-setting. Para ello, fue realizado un análisis cualitativo, complementado con el software NVivo a través de la medición de frecuencia de palabras. Los resultados señalan que existe un predominio de los asuntos vinculados a ilegalidades, con énfasis en el terrorismo, a pesar de que no existen evidencias de la actuación de terroristas en la región. Del total de textos encontrados con las palabras Triple Frontera, 55,5% en *O Globo* y 47% en *Folha* incluían la raíz *terror-*. Concluimos que la cobertura de prensa sobre la región no sigue acontecimientos puntuales (event-driven), y que la ausencia de voces disonantes entre las principales fuentes de reportajes, las fuerzas de seguridad, tiende a reforzar la imagen de una región insegura, y a favorecer soluciones de vigilancia y control de la frontera.

Palabras-clave: Triple Frontera; prensa; terrorismo; *framing*; *agenda-setting*

## Résumé

Limites dans les medias: la représentation de la Triple Frontière dans les journaux *Folha de S. Paulo* et *O Globo* (2011-2019).

La Triple Frontière entre le Brésil, l'Argentine et le Paraguay est, à plusieurs reprises, considérée comme une terre marginale, sans loi, au mépris de sa nature de pôle énergétique, commercial, éducatif et touristique. L'objectif de cet article est de voir si les représentations de la région frontalière dans les deux journaux les plus lus du pays, *Folha de S. Paulo* et *O Globo*, tendent à renforcer ces images, en utilisant les concepts de *framing* et d'*agenda-setting*. Pour cela, une analyse qualitative a été réalisée, complétée avec le *software* NVivo par la mesure de la fréquence des mots. Les résultats indiquent qu'il y a une prédominance de questions liées aux illégalités, avec un accent sur le terrorisme, malgré l'absence de preuve des actions des terroristes dans la région. Sur le total des textes trouvés avec les mots Triple Frontière, 55,5% dans *O Globo* et 47% dans *Folha* incluaient la racine *terror-*. Nous concluons que la couverture médiatique de la région ne suit pas des événements spécifiques (*event-driven*), et que l'absence de voix dissonantes parmi les principales sources de rapports, les forces de sécurité, tend à renforcer l'image d'une région précaire, et à favoriser solutions de surveillance et de contrôle des frontières.

Mots-clés: Triple Frontière; presse; terrorisme; *framing*; *agenda-setting*

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Isabelle Christine Somma de Castro: autora do texto, coleta de dados, tabelas e análises textuais.

Ignacio Javier Cardone: autor da análise de dados e revisão.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram não há conflito de interesse com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.